

MLP conta a sua história

- entrevistista
- crónica feminina nº 1288
- jornalista Maria Leonor

Fundação Cuidar o Futuro

30 Julho 81
6 Agosto 81



MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRO MINISTRO

Fundação Cuidar o Futuro

A par de tantas outras mulheres que ficaram na história de Portugal, Maria de Lurdes Pintassilgo será mais uma.

Reside nela a plena consciência de saber ser mulher. Não é só o sorriso franco que nos oferece, mas a certeza firme das suas convicções analisadas e concluídas.

Maria de Lurdes Pintassilgo foi algo de terno e de fraternal que passou — sem o usar — pelo «PODERÃO disputado, controverso e discutível... Ser mulher, neste mundo conturbado em que vivemos, não é «tarefa fácil». Ser mulher tem sido para si, em todas as circunstâncias da sua vida saber cumprir objectivos.

Maria de Lurdes Pintassilgo falou à «Crónica».

«Estamos todas a entrar na vida pública por formas muito variadas. Qualquer que seja o nosso tipo de vida, temos em comum o facto de sermos mulheres».

CF — Fazendo o retrocesso no tempo, fale-nos de si.

MLP — A minha vida pode parecer para algumas mulheres muito diferente. Tornei-me uma figura política. Olhando a minha vida, considero que tive um acesso a muitas fontes de informação. Talvez me possa considerar uma pessoa privilegiada... Mas tenho muito de comum com o que penso que são as mulheres da minha geração.

Curiosamente, lembro que a coisa mais difícil que considere na vida, foi o ter de fazer — e eu só tinha quatro anos —, um pano para tabuleiro bordado a «ponto de cruz». Eu vivia em Abrantes. É a minha terra. As minhas primas já nessa altura faziam o seu enxoval...

A minha mãe disse-me então: «a menina tem que aprender também a bordar». Para mim foi difícil. E tanto, que quando tenho hoje um problema para resolver, penso: «não pode ser mais difícil do que foi fazer ponto de cruz aos quatro anos...». Depois a minha

MARIA DE LURD CONTA (EM EXCLUSIVO) A SU

vida foi uma história de muito estudo e muito trabalho. Para poder continuar a estudar depois do liceu, dei explicações. Até acabar o curso. Tive bolsa de estudo. A minha classificação permitia-o. Concluiava os tempos. Interessei-me pelo teatro, pela poesia, e por outras experiências muito úteis para a minha vida. Todavia nessa altura eu já tinha a noção de que uma grande percentagem de mulheres não tinha acesso à educação básica. E isso preocupava-me, sabe? Foi essa cons-

ciência que me estimulou a tirar o meu curso. Nessa época era difícil às mulheres fazerem carreira superior. Decidi-me por engenharia química. Era um desafio. As minhas professoras faziam-me objecto das suas críticas: «...Mas é impossível...» — «uma mulher não vai conseguir...» — «isto é muito árduo tu gostas tanto de poesia...» — «vai ser um fracasso...» — Mas eu sentia que a engenharia era a maneira de me aproximar dos operários e das operárias. Era esse o meu principal objectivo. Ao acabar o curso trabalhei um ano na Comissão de Energia Nuclear. As mulheres não operárias, não tinham acesso ao meio fabril. Um ano depois a Administração da então CUF, considerou que poderia fazer essa experiência. E em 1954, fui a primeira mulher engenheira na Quimigal.

— Foi então uma experiência piloto?

— Sim. Aos vinte e quatro anos encontrei-me naquela imensidade que são as fábricas do Barreiro, e no meio operário como desejara. A minha vida preencheu-se com o tra-

ES PINTASILGO

A HISTÓRIA ÀS LEITORAS DA «CRÓNICA»

Trabalho de MARIA LEONOR

balho fabril. As oito horas tocava a sirene pela segunda vez. Fechavam-se os portões e todos os trabalhadores tinham de estar dentro da fábrica: operários e engenheiros. O horário era de oito horas. Não havia semana inglesa. Trabalhávamos seis dias em cada semana.

— Em que sector trabalhava?

— Fazia parte do Departamento de Estudos e Projectos. Por vezes continuava-se para

— Em que sector trabalhava?

— Fazia parte do Departamento de Estudos e Projectos. Por vezes continuava-se para além do horário normal. O ritmo da fábrica e o cheiro dos seus produtos químicos era — em certos dias — intensíssimo. Pairavam sobre a fábrica, aliados a um barulho constante. Só vivendo se pode avaliar. Mas e talvez também por isso vivíamos num ambiente de óptima solidariedade que eu ainda hoje experimento quando encontro pessoas que nessa altura foram operários no Barreiro. E é muito agradável. Costumo dizer «fizemos juntos a mesma aranha...». Ser mulher nessa situação, foi uma certa surpresa. Quando nós os engenheiros dávamos volta pela fábrica, os operários manifestavam uma certa admiração ao ver «aquela rapariga de cabelo apanhado em rabo de cavalo». E normalmente faziam o que os homens — de um modo geral — ainda fazem: paravam... olhavam... assobiavam...

— Qual era depois a reacção ao aperceberem-se que era engenheira?

— Surpreendiam-se. Depois a relação foi excelente. Estive particularmente muito ligada à formação de aprendizes. Durante quatro meses participei em actividades extra, com os operários. Designadamente sessões sobre as condições de trabalho e sobre a ética do trabalho industrial. Nessa altura os



rapazes aceitavam mal uma mulher a exercer funções de chefia. Afinal acabaram por mostrar-me uma atitude de grande abertura e isso foi sinónimo de muita, muita coisa... Da parte dos meus colegas havia um certo espanto. Mas também havia uma saudável curiosidade. Curiosamente o Jorge de Melo (dono da empresa) ouvia sempre as minhas exposições. Nem sempre estava de acordo. Comentava no final: «Você é uma socialista de direita...».

— Foi-lhe muito difícil integrar-se no trabalho fabril de investigação?

— Não tive dificuldades especiais nesse trabalho. Todavia a vida industrial sujeita às Leis da Economia é extremamente pesada e difícil. Lembro-me de ter tentado introduzir outras formas mais suaves de trabalho especialmente do complexo de trabalho da indústria têxtil onde trabalhavam três mil mulheres.

— Introduzir outras formas, porquê?

— Porque o barulho dos teares era ensurdecador. As operárias, já na rua, falando umas com as outras, gritavam como se



Fraldas com
para
o seu bebé

Fraldine
MARCA REGISTRADA

debaixo da fralda protege a pele do bebé!

Fraldine novo Creme para bebés

Com acção antibacteriana, alivia o ardor e irritação provocadas pela «assadura das fraldas»: pele inflamada e até gretada das nádegas e virilhas cobertas pela fralda.

Fraldine novo Pó para bebés

Também com acção antibacteriana, absorve 4 a 12 vezes mais humidade que o talco vulgar.

Ultrafino e de aroma suave, FRALDINE Pó protege, desodoriza e mantém fresca e saudável a pele delicada do bebé.

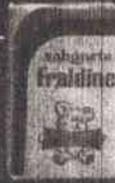
Fraldine novo Sabonete

U'ira suave e agradável para completar a higiene do seu bebé.

A VENDA NAS FARMACIAS



Fundação Cuidar o Futuro



MARIA DE LURDES PINTASILGO

CONTA A
SUA HISTÓRIA



... ainda estivessem debaixo do berulho no local de trabalho... As condições eram francamente más. Havia no ar um pó que nos invadia. Respirávamos pó. Era como se nos sentíssemos comidos por esse pó dos têxteis. Quantas vezes discuti com os administradores da empresa sobre essas condições de trabalho... Eu própria me interrogava como era possível...

— **Trabalhar lá?**

— Não. Mas em que condições aquelas mulheres poderiam reservar energias para, de volta a casa preparar tudo o que constitui o trabalho de uma dona de casa?

— **E então?**

— Consegui. Mas esta análise aproximou-me ainda mais das dificuldades das mulheres que trabalham profissionalmente, além do trabalho da casa.

— **Não há remuneração para a dona de casa!?**...

— Mas é importante dar-se valor a esse trabalho. A mulher chamada «doméstica» tem necessidade de que alguém lhe dê mais atenção.

— **Foi a primeira mulher em que actividades?**

— Embaixatriz, Primeiro Ministro, Engenheira na Quimical, Presidente Internacional do Movimento «Pax Romana».

— **Dificuldades?**

— Só como curiosidade, o facto de que quando aprovada por aclamação como Presidente do «Pax Romana» o bispo, assistente eclesiástico, ficou um tanto embaraçado... Uma mulher naquele cargo era a primeira vez. Assim interrompeu-se a sessão e ele próprio telefonou ao Papa, a saber se era possível. Foi possível.

— **Tem sido para si como o tal «ponto de cruz?»**

— Não (e sorri). Orientam-me dois aspectos norteadores da minha actividade: primeiro é que para que as mulheres se possam impor há que manifestar uma certa qualidade de trabalho comparável ao que os homens são capazes de produzir. Isso exige muito de

nós. E preciso que a mulher tenha capacidade de resposta. Mostrar igualdade com o melhor e não com o denominador comum ou menos bom... Em segundo lugar — o outro princípio — ser fiel aquilo que eu própria sou quanto mulher. Se em determinado momento há uma forma de realizar um trabalho ou de o organizar, ou de lidar com as outras pessoas, ou de exprimir opiniões que vão ao arrepio daquilo que é tradicional, faço-o com a certeza de que não estou sozinha e de que as mulheres têm de se inovar constantemente. É necessário fazer coisas que não sejam convencionais. Estamos todas a entrar na vida pública por formas muito variadas. Qualquer que seja o nosso tipo de vida, temos em comum o facto de sermos mulheres. Esta aprendizagem se fomos sinceras: quer mulheres operárias; da classe media, universitárias, funcionárias, traz um certo número de realidades pelas quais todas nós passamos. Penso que nessa certeza deve residir muita da nossa força e da nossa intenção de nos ajudarmos umas às outras.

Agora vai uma certa confissão minha: não escondo que apesar de ter sentido sempre muito esta solidariedade para com todas as mulheres ao longo da minha vida, foi para mim muito difícil — no período que estive no 5.º Governo e nos meses que se lhe seguiram — verificar que certa propaganda partidária «daria uma fotografia-deliberadamente deformada daquilo que eu sou, do que pretendo e das ideias que tenho. Esse facto viria afinal a cavar um fosso entre muitas mulheres e eu. E aí não tive possibilidade de dizer: «Não sou assim! Sou doutra maneira».

No próximo número: O dia-a-dia de Maria de Lurdes Pintasilgo.





MARIA DE LURDES PINTASILGO CONTA (EXCLUSIVO) A SUA HISTÓRIA ÀS LEITORAS DA «CRÓNICA»

CONCLUSÃO

O DIA-A-DIA DE UMA MULHER ACTUAL

Não só de Portugal mas de outros países. Há neles aspectos que tocam também a nossa sociedade e aos quais não posso deixar de responder. Preciso de reflexão e de silêncio. O mais importante vem de cima e o menos importante gradualmente se resolverá.

«APESAR DA IDADE QUE TENHO SONHO MIL E UMA COISAS»

CF — Como é o seu dia-a-dia?

MLP — O meu dia-a-dia é imensamente variado. Não lhe posso sequer dizer que tenho uma rotina na organização da minha vida.

CF — Curioso. Pensámos que sim!

MLP — Quando tento organizar um horário de vida ele é sempre comprometido por qualquer coisa de muito urgente. Isso dá-me uma sensação de frustração enorme. A gente pensa que vai tratar determinada questão. Que vai escrever um artigo. Que vai tratar responder a uma série de cartas, etc.

CF — Então o que faz para organizar o seu tempo?

MLP — Normalmente à noite, e muito à noite, olho para o dia seguinte e tento ver o que está mesmo planeado. Dentro disso vejo quais são as coisas que posso encaixar nesse dia. Assim na véspera tento preparar o dia que se segue. Tenho a preocupação de deixar tempo para que uma das refeições seja partilhada com pessoas amigas. Mesmo uma refeição simples, que o é. Como sabe não sou frequentadora de restaurantes, por sistema.

Nessa refeição há a conversa espontânea sobre as coisas que nos interessam. Convivo com amigos da minha juventude e com outras recentes, reveladas pelo companheirismo das mesmas lutas e das mesmas batalhas.

Deixo sempre tempo livre para pensar. É à noite que encontro o meu tempo para reflectir.

Recebo muitos telefonemas. Alguns deles exigem decisão.

Tenho um correio que é muito intenso.

Sem esta organização sentir-me-ia um «catavento».

CF — Participa no trabalho doméstico?

MLP — Sim. É muito importante para mim viver num ambiente que embora simples tenha um enquadramento de beleza. Em cada manhã eu tenho de sentir que a casa está apta a receber um novo dia.

Sei que me vem de muito criança o hábito de varrer a casa (há-se está tudo em ordem: as luzes apagadas, as almofadas direitas e nos lugares...)

Faço pequenas refeições com as mulheres que me ajudam nas tarefas domésticas. Aproveitamos para trocar impressões que vão desde o custo de vida até aos acontecimentos da sociedade portuguesa.

Tal como a maioria das mulheres, tenho também dificuldades para me actualizar sobre o que vai pelo mundo. Há o Telejornal. É certo. Mas nem todas as notícias do mundo por aí passam. É limitado. Ler o jornal «de rio a pavo» leva imenso tempo.

E digo-lhe o que sinto. O meu dia-a-dia tem que ver com a vida das outras mulheres. E creio bem que também os homens têm problemas de tempo.



Trabalho de MARIA LEONOR

Marta de Lurdes Pintasilgo, continua sempre ao lado de cada mulher.

CF — Que pensa da conjugação de esforços homem/mulher?

MLP — Penso que é importante que no dia-a-dia os homens e as mulheres participem em todas as tarefas quer do lar quer sociais.

É importante lutar por outras formas de trabalho menos escravizante.

Não se deveria ficar tão dominado sobre aquilo que se tem a fazer.

CF — E ainda sobre o seu dia-a-dia?

MLP — Considero que tenho muita sorte: ao falar do trabalho, dado que muito da minha actividade tem que ver com o encontrar pessoas, ouvi-las e conversar com elas, eu não tenho uma fronteira muito nítida entre o que é trabalho e tempos livres. Por exemplo: estar a conversar consigo. Estou a dar uma entrevista. É um trabalho, mas também estou a gostar de estar a conversar consigo! Até certo ponto isto é um tempo livre, para mim. Entende?

CF — Perfeitamente. Que pensa do futuro como mulher participante num programa de objectivos comuns?

MLP — Estou empenhada em muitas coisas, apesar da idade que tenho. Sonho mil e

uma coisas. Estou sempre a fazer projectos. O tempo passa e multiplicam-se os sonhos bem como as coisas por realizar e tentar fazer.

CF — E está empenhada designadamente em quê?

MLP — Bom, estou-o em muitas coisas. Em contribuir para o desenvolvimento dos grupos que estão ligados a actividades que têm que ver com o nosso dia-a-dia: cooperativas consumidoras, as associações de agricultores, as equipas cooperativas ligadas aos meios de comunicação social, as empresas em auto-gestão os grupos de animação cultural, etc.

Estou interessada que adquiram força na sua prática social cultural quotidiana.

Fundamentalmente que conheçam e possam contribuir para uma sociedade cada vez mais feliz.

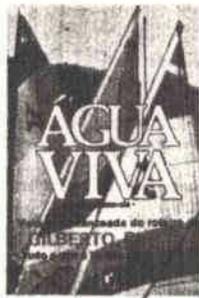
O projecto das mulheres, nos últimos anos tem uma grande convergência de aspirações nos problemas comuns. Independentemente da classe social a que pertencam. Sinto que está a emergir — com todo o respeito pelos Movimentos de Mulheres ligados a correntes partidárias ou ideológicas ou religiosas (eu





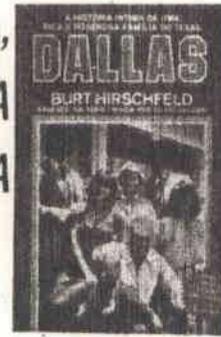
**SENSACIONAIS
NOVIDADES!**

**PARA SI, QUERIDA AMIGA,
MAIS DUAS OFERTAS PARA
RECEBER EM SUA CASA**



400\$00

**ESTES DOIS
EXEMPLARES**



180\$00

**O PREÇO É ESPECIAL
PARA VOCE
AMIGA DA «CRÓNICA»**

AMIGAS DA CRÓNICA



NOME
MORADA
CÓDIGO POSTAL
A ESTÁ INSCRITA
COMO AMIGA DA CRÓNICA
Sim Não

- Desejo receber os dois livros por Esc: 580\$00.
- Junto envio a quantia de 1 livro Esc.: \$.....
- Os pedidos devem ser feitos só em cheque ou vale de correio
- Não se envia à cobrança.

UMA MULHER ACTUAL

própria pertença a um grupo cristão) uma linha conjunta como que uma rede de mulheres. Estive em reunião com 140 mulheres de vários pontos do país. Em termos políticos não sei quais são as suas ideias. Havia entre elas um grande leque de profissões, e a certeza de poderem contribuir para uma sociedade mais feliz.

CF — Sem tocar a questão técnica, qual a sua ideia política?

MLP — Bom, já a traduzi em questões muito técnicas na altura própria mas o facto é que ela se reduz a meia dúzia de palavras: garantir que as nossas instituições e o nosso modo de viver seja de tal maneira transformado para que as pessoas possam ter: o pão, o tecto, o trabalho, a educação, os tempos livres...

Ao fim e ao cabo que possam ser felizes! Estou ligada a muita coisa a nível internacional. Isto, no mesmo sentido comum de objectivos. São ideias novas entre pessoas que têm a mesma visão da história, da sociedade actual e de como é possível transformar o seu rumo.

Isto para que e por exemplo, não morram de fome em cada seis horas duas mil e quinhentas crianças no mundo de hoje...

É preciso modificar o rumo das coisas sem que as pessoas se desistem por isso.

CF — Apoi e incentiva as mulheres portuguesas. Como as encara?

MLP — As mulheres portuguesas têm uma «consciência» dos problemas.

E têm uma intuição que eu não encontro nos países altamente industrializados.

CF — Contribuirá para isso a dureza de vida que têm vivido?

MLP — É. Vão rapidamente aquilo que é essencial. Em todos os campos. Até na sua falta de tempos livres. Elas sentem-nos, exprimem-no e até têm solução para isso. Têm imaginação e perseverança. Com estas duas qualidades poderão ir muito longe...

CF — Concorda que se a mulher portuguesa não participa em pleno, é porque lhe coarctaram as possibilidades?

MLP — Sem dúvida. E voltando à questão do dia-a-dia a mulher portuguesa deveria analisar em conjunto toda a sua actuação. Até por exemplo as Telenovelas... O que haverá de verdade nisso? Que relação haverá com tudo isso e a sua vida... Progresso ou retrocesso? A liberdade e a emancipação da mulher não é «copiar». O vazio de costumes, quase uma certa libertinagem, não é o caminho.

CF — E de que modo poderão participar para melhorar conceitos?

MLP — Auto-analisando-se, reflectindo, parando para pensar, conviver e trocar impressões com outras pessoas. Criar grupos.

Mesmo com poucos anos de escolaridade todas podem participar na melhora da sua própria cultura.

CF — E como se descreve aqui o conceito de cultura?

Será precisamente parar para reflectir. Analisar o certo e o errado.

Partir para uma nova tomada de consciência. Para uma nova maneira de ver e conduzir a nossa vida. Fazê-lo com coragem e com desassombro.

A cultura e também isso.

TUDO PARA FÊSTAS

**CARNAVAL • ARTIGOS DE PRAIA
FLORES ARTIFICIAIS • BRINQUEDOS • NATAL**

**ALMEIDA & OLIVEIRA, LDA.
ARMAZENISTAS - IMPORTADORES - RETALHISTAS**

Trav. Nova de S. Domingos, 8 a 14 Tel. 328566 — 1100 LISBOA

